



## Veredas atemática Volume 18 nº 2 – 2014

---

### A concessão não oracional introduzida por *apesar* no português falado: uma análise discursivo-funcional<sup>1</sup>

Talita Storti Garcia (UNESP)

RESUMO: Este artigo investiga as relações de concessão não-oracionais introduzidas por *apesar* no português falado no noroeste paulista à luz da Gramática Discursivo-Funcional, de Hengeveld e Mackenzie (2008), a fim de compreender seus aspectos morfossintáticos, semânticos e discursivos. Abordam-se somente construções concessivas desprovidas de núcleos verbais, como *apesar do sol*. Os resultados apontam que *apesar* constitui uma Propriedade Configuracional de um lugar cujo argumento pode ser um Estado-de-Coisas ou um Indivíduo. O universo de investigação consiste no Iboruna, um *corpus* que reúne amostras do português falado no noroeste do Estado de São Paulo.

Palavras-chave: concessão não oracional; apesar; português brasileiro falado; Gramática Discursivo-Funcional

### Introdução

Neste artigo investigamos, à luz da Gramática Discursivo-Funcional, as relações de concessão introduzidas por *apesar* que não são expressas por meios oracionais, tais como *apesar das dificuldades*, *apesar de tudo*, etc. Essas estruturas são raramente consideradas pela tradição gramatical no que diz respeito à expressão da concessão e, quando o fazem, são definidas com base em critérios puramente morfossintáticos, pois são consideradas advérbios

---

<sup>1</sup> Agradeço à Profa. Dra. Erotilde Goreti Pezatti (UNESP/IBILCE) pelas contribuições na análise dos dados.

concessivos. Bechara (1999) afirma que essas construções constituem um tipo de concessão expressa por *locuções adverbiais concessivas*<sup>2</sup>, conforme exemplificado por (1) a seguir:

(1) Voltaram *apesar do escuro*. (BECHARA, 1999, p. 291)

Na perspectiva linguística, há poucos estudos que tratam desses casos, pois a grande maioria das pesquisas sobre relações concessivas atém-se aos casos oracionais. Zamproneo (1998) e Neves (2011) são nomes que merecem destaque nesse cenário. Do ponto de vista funcionalista, ambas reconhecem que essas estruturas configuram relações entre *Sintagmas*, os quais, segundo Neves (2011), podem ser de três diferentes tipos: Sintagma Nominal, Sintagma Adjetival e Sintagma Verbal.

Zamproneo (1998), com base no português escrito, detecta que tais estruturas concessivas são características de textos técnicos e oratórios. Nesses gêneros, a autora observou que os conectivos mais utilizados nos casos concessivos sintagmáticos foram *embora*, *quer...quer* e *ainda que* exemplificados respectivamente por (2), (3) e (4):

(2) Às vezes, o produtor tem somente uma ideia vaga do que pretende, apenas o reflexo da vaidade de ter uma história sua filmada, *embora confusa e caótica*. (ROT/LT) (ZAMPRONEO, 1998, p. 143)

(3) Certos machos SV têm tido, em sucessivas gerações, algumas ligeiras vantagens sobre outros machos, *quer por suas armas, quer por seus meios de defesa, quer pelo seu charme*. (FOT/LT) (ZAMPRONEO, 1998, p. 133)

(4) É impossível transformar um jornalista impaciente num militar, *ainda que medíocre*, a ver, da quietude da caserna, espreguiçar-se cada antemanhã, no incêndio do nascente, o sol frio dos madrugadores. (TA-O/LO) (ZAMPRONEO, 1998, p. 143)

Objetivando descrever os aspectos linguísticos que envolvem a concessão não oracional introduzida por *apesar*, este artigo analisa o comportamento morfossintático, semântico e discursivo dessa construção no português falado na região noroeste do Estado de São Paulo à luz da Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF) de Hengeveld e Mackenzie (2008) a fim de verificar em que Níveis e em que camadas propostas pelo modelo essas estruturas atuam.

---

<sup>2</sup> Além de Bechara (1999), para este trabalho consultamos também Cunha (1972), Cunha e Cintra (2001) e Castilho (2010) e verificamos que esses autores não tratam desse tipo de estrutura. A única gramática que aborda essas construções é a *Moderna gramática portuguesa* (1999), de Evanildo Bechara, considerada uma Gramática Funcionalista por Castilho (2010, p. 26), pois “foi a primeira na tradição gramatical a dedicar-se à teoria gramatical”.

O universo de pesquisa deste estudo consiste no *corpus* Iboruna<sup>3</sup>, um banco de dados que registra a variedade do português falado no noroeste do interior paulista, nucleada em torno da cidade de São José do Rio Preto. Foram levantadas 20 ocorrências introduzidas por *apesar* que expressam a relação de concessão por meios não oracionais, sendo esse trabalho de busca realizado por meio da leitura e interpretação de todo o *corpus*. Ao final de cada ocorrência, encontram-se as notações sobre as amostras: AC (Amostra Censo); número do inquérito; tipo de texto, sendo Narrativa Recontada (NR), Relato de Opinião (RO), Narrativa de Experiência Pessoal (NE), Relato de Descrição (DE) e Relato de Procedimento (RP); por último, há a indicação do número da linha em que se encontra a ocorrência na transcrição.

De todos os tipos de concessão não oracionais encontrados nos dados, verificamos que essas relações ocorrem prefaciadas exclusivamente por *apesar* (cf. 5) e *mesmo* (cf. 6). Não encontramos ocorrências introduzidas por *embora*, *quer...quer* ou *ainda que*, como foi detectado por Zamproneo (1998) no português escrito. Para este estudo, no entanto, vamos nos restringir exclusivamente aos casos introduzidos por *apesar*.

(5) (...) *apesar da idade dela*, eu acho que já estava na hora dela dar uma arrumanhinha (no quarto), né? (AC-103-DE,185)

(6) (...) *mesmo difíceis*, as coisas acabavam dando certo (AC-114-NE,14)

Este artigo está organizado da seguinte forma: na primeira seção apresentamos resumidamente alguns conceitos teóricos relevantes para a interpretação dos resultados e o conceito de concessão para a teoria da Gramática Discursivo-Funcional. Na seção seguinte, descrevemos brevemente a concessão na literatura e apresentamos algumas considerações sobre a concessão não oracional. Na terceira seção, analisamos os dados de acordo com os pressupostos e com a organização da teoria adotada. Na quarta seção, discorreremos sobre as funções discursivas das ocorrências em questão e, por último, apresentamos as considerações finais desta pesquisa.

## 1. A concessão na Gramática Discursivo-Funcional

A Gramática Discursivo-Funcional (GDF) pode ser chamada de modelo funcional da linguagem porque captura a estrutura de uma unidade linguística em termos das unidades que ela descreve e as intenções comunicativas com que são produzidas, ou seja, em termos de *funções* representacionais e interpessoais.

Apresenta uma organização *top-down*, ou seja, da intenção do falante em direção à articulação (HENGEVELD; MACKENZIE, 2009). Sua arquitetura baseia-se em um Componente Gramatical e três Componentes não Gramaticais: o Conceitual, o Contextual e o

---

<sup>3</sup> O projeto “O português falado na região de São José do Rio Preto: constituição de um banco de dados anotado para o seu estudo” teve por objetivo elaborar um banco de dados anotado com amostras do português falado na região de São José do Rio Preto (disponível em: <<http://www.iboruna.ibilce.unesp.br>>).

de Saída. O Componente Conceitual é o responsável pelo desenvolvimento da intenção comunicativa relevante para que ocorra o ato de fala e pelas conceitualizações associadas aos eventos extralinguísticos relevantes. Já o Componente Contextual contém uma descrição do conteúdo e da forma do discurso precedente e molda a forma sob a qual o evento da fala ocorrerá a depender da relação social entre os participantes da conversação. O componente de Saída gera sinais acústicos ou expressões ortográficas com base na informação fornecida pelo Componente Gramatical.

O Componente Gramatical está estruturado em quatro Níveis de organização linguística: o *Interpessoal* (relacionado à pragmática) e o *Representacional* (relacionado à semântica) - responsáveis pelo processo de *formulação* - o *Morfossintático* (relacionado à morfossintaxe) e o *Fonológico* (relacionado à fonologia) - encarregados pelo processo de *codificação*. Todos esses níveis são alimentados por um conjunto de primitivos e estão internamente organizados em camadas hierárquicas.

O Nível Interpessoal apresenta o Movimento como uma de suas unidades máximas de análise, que, em termos de *status* interpessoal, pode ser definido como “uma contribuição autônoma para a interação contínua” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 50). Os movimentos podem conter um ou mais Atos Discursivos combinados entre si; um Ato Discursivo contém um Conteúdo Comunicado, última camada do Nível Interpessoal, que constitui o próprio conteúdo da mensagem de Atos Discursivos. Cada Conteúdo Comunicado contém um ou mais Subatos (assim denominados porque são hierarquicamente subordinados aos Atos Discursivos) que podem ser de dois tipos, Atributivo (T<sub>1</sub>) ou Referencial (R<sub>1</sub>). Quanto ao primeiro, o Subato Atributivo, trata-se de uma tentativa do falante de evocar uma Propriedade; já quanto ao segundo, o Subato de Referência, consiste em uma tentativa do falante de evocar um referente (cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 88).

O Nível Interpessoal relaciona-se aos aspectos formais da unidade linguística que refletem o papel do falante e do ouvinte na interação. Esses papéis são analisados em termos de funções *retóricas* e *pragmáticas*.

As *funções retóricas* se relacionam aos modos pelos quais os componentes do discurso são ordenados pelo falante a fim de atingir seu propósito discursivo e também dizem respeito às propriedades formais de um enunciado que influenciam o ouvinte a aceitar o que foi proposto pelo falante. As funções retóricas podem ser de *motivação*, *orientação*, *correção* ou *concessão*, sendo representadas por atos subsidiários.

A *concessão*, portanto, para a GDF, é uma *função retórica* no Nível Interpessoal, ou seja, uma relação de dependência entre dois Atos, um Nuclear e outro Subsidiário, entendida como uma estratégia da qual dispõe o falante a fim de atingir seu objetivo comunicativo, conforme mostra o exemplo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 55) traduzido ao português e sua representação:

(7) O trabalho foi razoavelmente fácil, *embora tenha demorado mais do que o esperado*<sup>4</sup>.

(M<sub>I</sub>: [(A<sub>I</sub>: - o trabalho foi razoavelmente fácil – (A<sub>I</sub>)) (A<sub>J</sub>: - tenha demorado mais do que o esperado – (A<sub>J</sub>))<sub>Conc</sub>] (M<sub>I</sub>))

---

<sup>4</sup> No original em inglês: *The work was fairly easy, although it took me longer than expected.*

Observa-se, na representação anterior, que o Ato Discursivo Subsidiário (A<sub>J</sub>) *tenha demorado mais do que o esperado* contém a Função Retórica Concessão (Conc) e se pospõe ao Ato Principal (A<sub>I</sub>) *o trabalho foi razoavelmente fácil*. Ambos os Atos Discursivos (A<sub>I</sub> e A<sub>J</sub>) compõem um único Movimento (M<sub>I</sub>).

Para este trabalho, é importante ressaltar que a conjunção concessiva *embora* não faz parte da representação subjacente da oração, o que se justifica pelo fato dessa conjunção ser uma Conjunção Gramatical<sup>5</sup>, que, por apenas codificar a função semântica Concessão, será inserida somente no Nível Morfossintático.

Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 55) reconhecem que a ordenação entre o Ato Nuclear e o Subsidiário é um fator de extrema importância para a classificação dessas estruturas em camadas, pois, caso a ordenação entre os Atos do exemplo anterior seja alterada, isto é, se a oração concessiva ocorrer antes da principal, a relação de concessão não mais ocorrerá entre dois Atos Discursivos, mas sim entre dois Conteúdos Proposicionais, camada pertencente ao Nível Representacional, conforme mostra o exemplo de Hengeveld e Mackenzie (2008) traduzido ao português a seguir:

(8) *Embora o trabalho tenha demorado mais do que o esperado, foi fácil*<sup>6</sup>.

O Conteúdo Proposicional (p) é a camada mais abrangente do Nível Representacional, trata-se de um construto mental, como conhecimentos, crenças e desejos. No exemplo anterior, temos os conceitos de *demorar* e de *ser fácil*, conceitos que dependem do que o falante acredita e não podem ser localizados no tempo e no espaço. Em função de sua natureza, é caracterizado pelo fato de poder ser qualificado em termos de atitudes proposicionais (certeza, dúvida, descrença) e/ou em termos de sua fonte ou origem (conhecimento comum partilhado, evidências sensoriais, inferências).

Um Conteúdo Proposicional pode conter um ou mais Episódios (ep), os quais podem conter uma ou mais descrições de Estados-de-Coisas (e) tematicamente coerentes. Estados-de-Coisas incluem eventos e estados e são caracterizados pelo fato de poderem ser localizados no tempo e poderem ser avaliados em termos de seu estatuto de realidade. Estados-de-Coisas, portanto, podem ser localizados no tempo e podem ser avaliados em termos de seu estatuto de realidade.

O Estado-de-Coisas é caracterizado por uma Propriedade Configuracional (f), que é de natureza composicional e contém uma combinação de unidades semânticas que não apresentam relações de hierarquia. A Propriedade Configuracional constitui o inventário dos moldes de predicação relevantes para uma língua. As línguas podem diferir quanto à natureza e quanto ao número de moldes de predicação que são permitidos com relação à sua valência quantitativa e qualitativa. Quanto à primeira, a quantitativa, uma língua pode restringir sua valência máxima com relação a um predicado. Já quanto à segunda, a qualitativa, as línguas

---

<sup>5</sup> Conjunção Gramatical, na concepção de Hengeveld e Wanders (2007), são aquelas desprovidas de significado lexical. Na GDF, de acordo com Hegeveld e Mackenzie (2008), elas não são representadas na estrutura subjacente da oração.

<sup>6</sup> No original, em inglês: “*Although the work took longer than expected it was easy*” (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 55)

podem diferir no que diz respeito à divisão do trabalho entre as funções semânticas. As Propriedades Configuracionais são construídas usando categorias semânticas que estabelecem uma relação não hierárquica entre si. Essas categorias semânticas podem ser de vários tipos e incluem, dentre outras, Indivíduos (x), objetos concretos que podem ser localizados no espaço, como *cantor*, *escritor*, etc., e Propriedades Lexicais (f) – avaliadas em termos de sua aplicabilidade a outros tipos de entidades, como *maldade*, *amabilidade*, *falsidade* (cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 58).

Outras categorias semânticas, na verdade subclasses de categorias, podem ser relevantes para a gramática de uma língua e entrar na constituição de uma Propriedade Configuracional, tais como Localização (l), Tempo (t), Modo (m), Razão (r) e Quantidade (q). Em todos os casos, somente aquelas categorias semânticas que desencadeiam processos formais na gramática de uma determinada língua são postuladas para essa língua.

Com base em várias línguas, dentre elas o inglês, o espanhol, o turco, etc., Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 207) propõem um inventário de esquemas de predicação que inclui: Propriedades Configuracionais de zero a quatro lugares, Propriedade Relacional, Classificacional, Identificacional e Existencial.

Para este trabalho, interessa-nos a Propriedade Configuracional de um lugar ou de uma única valência, que apresenta, de acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 207), o seguinte esquema de predicação:

Esquema de predicação da Propriedade Configuracional de um lugar (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 207):

	T	R	
f <sub>1</sub> :	[(f <sub>2</sub> )	(v <sub>1</sub> ) <sub>A</sub> ]	(f <sub>1</sub> )
f <sub>1</sub> :	[(f <sub>2</sub> )	(v <sub>1</sub> ) <sub>U</sub> ]	(f <sub>1</sub> )
f <sub>1</sub> :	[(f <sub>2</sub> )	(v <sub>1</sub> ) <sub>L</sub> ]	(f <sub>1</sub> )
f <sub>1</sub> :	[(f <sub>2</sub> )	(v <sub>1</sub> ) <sub>Ref</sub> ]	(f <sub>1</sub> )

Na representação acima, observa-se que uma Propriedade Configuracional de um lugar (f<sub>1</sub>) é constituída, no Nível Interpessoal, por um Subato Atributivo (T) e por um Subato Referencial (R). No Nível Representacional, por sua vez, as categorias semânticas passíveis de combinação com a variável (v), nas línguas em geral, são *Addressee* (A), *Undergoer* (U)<sup>7</sup>, Locativo (L) e Referência (Ref).

Por meio dessa breve apresentação teórica, observa-se que a *Concessão*, segundo a GDF, pode atuar em diferentes níveis e camadas. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), pode constituir um Ato, no Nível Interpessoal, ou um Conteúdo Proposicional, no Nível Representacional. Essa diferença de atuação se reflete no Nível Morfossintático, mais

<sup>7</sup> Optamos por manter os termos *Addressee* e *Undergoer* em inglês, traduzidos por alguns autores respectivamente como *Ouvinte* e *Paciente* ou *Inativo*. Essa opção foi feita por compreender que a nomenclatura em português pode restringir o sentido atribuído a eles na GDF.

especificamente na ordenação entre a oração principal e a oração concessiva, uma vez que, quando a concessiva se propõe à principal, a concessão ocorre no Nível Interpessoal, já quando a oração concessiva ocorre antes da principal, a concessão se dá no Nível Representacional. É importante observar ainda que a GDF não trata dos possíveis casos de concessão não-oracional, mas nos oferece subsídios teóricos para que eles sejam explicados.

O Nível Morfossintático se relaciona aos aspectos estruturais da unidade linguística. Esse nível, juntamente com o Nível Fonológico, é responsável pelo processo de codificação<sup>8</sup> das distinções interpessoais e representacionais. Os processos que acontecem no Nível Morfossintático são funcionalmente motivados: os princípios de ordenação são motivados por alguns princípios (baseados em Dik (1991a, 1991b)) tais como: iconicidade, integridade de domínio estabilidade funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 283). Nesse Nível, as unidades linguísticas são analisadas em termos de seus constituintes sintáticos, partindo das camadas mais altas, em direção às mais baixas: Expressões Linguísticas (sentenças), Orações, Sintagmas e Palavras.

Não é relevante, nesta pesquisa, abordar o Nível Fonológico, último nível de organização linguística proposto pela GDF, pois não é nosso objetivo fazer uma descrição dos aspectos fonológicos da concessão não-oracional.

Em síntese, os quatro Níveis apresentados pelo modelo da Gramática Discursivo-Funcional, o Interpessoal, o Representacional, o Morfossintático e o Fonológico, estão dispostos no modelo de forma descendente, iniciando pelo Interpessoal, passando pelo Representacional, Morfossintático e terminando no Fonológico. Nesse modelo teórico, portanto, “a Pragmática comanda a Semântica, a Pragmática e a Semântica comandam a Morfossintaxe e a Pragmática, a Semântica e a Morfossintaxe comandam a Fonologia” (PEZATTI, 2012, p. 110)

## 2. As relações de concessão na literatura

Na tradição gramatical, “há concessão quando uma oração subordinada adverbial exprime um obstáculo - real ou suposto – que não impedirá ou modificará de modo algum a declaração da oração principal” (BECHARA, 1999, p. 496).

Neves (2000) afirma que as relações expressas nas construções concessivas variam de acordo com o nível em que se estabelecem em: Concessivas de Conteúdo, em que a relação se dá entre Estados-de-Coisas (cf. 9), Concessivas Epistêmicas, que envolve Proposições (cf. 10) e Concessivas de Atos de Fala, como o próprio nome diz, a relação ocorre entre Atos de Fala (cf. 11). Aderindo à terminologia dos níveis semânticos propostos por Sweetser (1990) e pela Gramática Funcional, Crevels (2000a, 2000b) estende seu olhar sobre os níveis possíveis de atuação das relações de concessão e propõe as Concessivas Textuais, que se referem a porções textuais inteiras precedentes (cf. 12):

---

<sup>8</sup> A operação de *Codificação* envolve três processos interligados: (i) a seleção dos *templates* apropriados para os níveis Morfossintático e Fonológico; (ii) a inserção de morfemas gramaticais livres; (iii) a aplicação dos operadores que exercem seus papéis no processo de articulação na produção do ato de fala (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.2).

- (9) Nós estamos saindo para caminhar, *embora esteja chovendo*. (CREVELS, 2000a, p. 26)<sup>9</sup>
- (10) João não está em casa, *embora seu carro esteja estacionado em frente de sua casa*. (CREVELS, 2000a, p. 26)<sup>10</sup>
- (11) *Ainda que eu esteja te telefonando um pouco tarde*, quais são seus planos para esta noite? (CREVELS, 2000a, p. 26)<sup>11</sup>
- (12) Eu falo e escrevo servo, albanês, turco e holandês, mas eu não posso expressar meus verdadeiros sentimentos em outra língua a não ser o romano. *Embora agora eu esteja pensando que eu fiz isso várias vezes*. (CREVELS, 2000a, p. 26)<sup>12</sup>

Crevels (2000a, p. 28) defende ainda que as entidades de primeira ordem são expressas somente por locuções (*noun phrase*) e nunca por orações (*clauses*). Em função disso, a autora argumenta que as entidades de primeira ordem não se aplicam ao estudo das orações subordinadas adverbiais.

Essa pode ser uma das diferenças cruciais entre orações concessivas e sintagmas concessivos, pois, para a autora, sintagmas concessivos podem ser constituídos por entidades de primeira ordem, enquanto as orações não, já que a concessão oracional se aplica às entidades mais altas. Admitimos, portanto, que a concessão não-oracional só será possível entre as unidades mais baixas de organização, já que as unidades mais altas aplicam-se às orações.

Essa especificidade é corroborada por Zamproneo (1998, p. 200) ao constatar que os sintagmas concessivos podem atuar como *satélites de predicação* e como *satélites proposicionais*, quando especificam a atitude mental do falante, formando a proposição, que designa um fato possível; nunca atuam como *satélites ilocucionários*, pois esse caso seria atribuído aos casos oracionais de concessão. A autora postula, portanto, que os sintagmas concessivos podem atuar somente nas camadas mais baixas da estrutura subjacente da oração, sendo elas: a da predicação e a da proposição.

Os casos não oracionais, segundo Neves (2011, p. 880), ocorrem quando o falante deseja fazer uma ressalva, que incide sobre um ponto particular do enunciado. Esse termo específico, para a autora, pode ser um Sintagma Nominal (preposicionado ou não), um Sintagma Adjjetival ou um Sintagma Verbal, conforme mostram respectivamente (13), (14) e (15):

<sup>9</sup> No original: *We're going for a walk although it's raining*. (CREVELS, 2000a, p. 26)

<sup>10</sup> No original: *John is not at home, although his car is parked in front of the house*. (CREVELS, 2000a, p. 26)

<sup>11</sup> No original: *Even though I am calling you a bit late, what are your plans for this evening?* (CREVELS, 2000a, p. 26)

<sup>12</sup> No original: *I speak and write Serbian, Albanian, Turkish and Dutch, but I cannot express my true feelings in any other language than Romani. Although now that I come to think of it, I have done it many times...* (CREVELS, 2000a, p. 26)

(13) Ele é um homem, *ainda que aleijado*. (NEVES, 2011, p. 880)

(14) As manchas representativas da presença humana no território são repetidas, *embora com nuances*. (NEVES, 2011, p. 880)

(15) Carlos não teve de se esforçar muito para me convencer a acompanhá-lo, *ainda que naturalmente, em caráter provisório*. (NEVES, 2011, p. 880)

A explicação de Neves (2011) para (13) é a de que o conectivo *ainda que* escopa *homem aleijado*, um Sintagma Nominal cujo núcleo é *homem*, conforme se observa na paráfrase da autora: *ainda que homem aleijado*. O mesmo mecanismo de incidência se aplica ao exemplo (14), em que a conjunção *embora* se refere diretamente a *repetidas*, um Sintagma Adjetival, como se pode perceber na paráfrase *embora repetidas com nuances*. O mesmo se pode verificar em (15), em que o conector *ainda que* escopa especificamente o Sintagma Verbal *acompanhar*, conforme argumentado por Neves em *ainda que acompanhar naturalmente, em caráter provisório*.

Como se pode observar nesses três últimos exemplos, o sintagma concessivo ocorre no final do sintagma ao qual se conecta, sendo: *homem*, *repetidas* e *acompanhar* respectivamente. De acordo com Zamproneo (1998, p. 141), em dados do português escrito, é rara a anteposição do sintagma concessivo, o que se explica porque ele “funciona como uma ressalva feita pelo falante que incide sobre determinado sintagma” um sintagma nuclear que ocorre geralmente ocupa a posição inicial (ZAMPRONEO, 1998, p. 133).

Após verificar o que temos na literatura sobre *sintagmas concessivos* ou *concessão não oracional*, como preferimos denominar, passaremos à análise das ocorrências.

### 3. Análise dos dados

Nesta seção procederemos à análise de vinte ocorrências não oracionais prefaciadas por *apesar* retiradas de contextos reais de interação com base no português falado na região noroeste de São Paulo. As análises serão feitas à luz do modelo teórico adotado, o da Gramática Discursivo-Funcional de Hengeveld e Mackenzie (2008).

König (1994), em uma investigação que aborda a origem dos nexos concessivos em várias línguas, defende a existência de cinco diferentes grupos de enlaces concessivos. É no primeiro deles<sup>13</sup>, segundo o autor, que se encontram as conjunções aplicáveis originariamente somente a agentes humanos ou experienciadores, como *in spite of*, do inglês, *a pesar de*, em espanhol, *ondanks* em holandês e *huolimatta*, em finlandês, todos derivados de noções como

---

<sup>13</sup> Os outros quatro grupos consistem, resumidamente, naqueles em que o conectivo concessivo: (i) contém elemento que indica quantificação livre, como *however* e *anyway*, do inglês; (ii) é formado a partir de outros originariamente condicionais e temporais, como *even though* do inglês; (iii) deriva de expressões usadas em sua origem para afirmações enfáticas, como *true* ou *fact* no inglês, frequentemente gramaticalizados como conectivos concessivos; (iv) deriva de expressões usadas em sua origem para assinalar a co-ocorrência ou coexistência de alguma forma em outra, como *nevertheless*, do inglês.

“obstinação”, “desprezo”, “desdém”, “rancor” e “despeito”. Admite König (1994), ainda, que o conectivo *a pesar de*, do espanhol, apresenta *pesar* como núcleo, que significa pesar, dor, pena, sentimentos que apenas os agentes com traços [+humanos] podem ter. Por extensão, podemos dizer que os conectores *apesar de* e *apesar de que* do português apresentam *apesar* como núcleo.

Neves (2011) não faz distinção entre *apesar de* e *apesar de que*. Para a autora, *apesar (de) que* (forma apresentada pela própria autora) faz parte do rol das *conjunções concessivas compostas*, “que constituem o que tradicionalmente se denomina *locuções conjuntivas*” (NEVES, 2011, p. 862).

Os dados desta pesquisa revelam que o uso de *apesar de* e *apesar de que*, no português, não é tão aleatório como pode parecer. *Apesar que*<sup>14</sup> parece estar se especializando em introduzir orações concessivas cujos núcleos são formas verbais finitas, geralmente no indicativo (cf. 16), enquanto *apesar de* encabeça exclusivamente orações com formas verbais não-finitas, geralmente no infinitivo (cf. 17). Outra diferença importante é que somente *apesar de* prefacia estruturas não oracionais<sup>15</sup> (cf. 18).

(16) Inf.: 1[sei] 2[éh eu] num sou FÃ... de política... num é? **apesar que a minha mulher é candidata a vereadora né?**... MAS... se ela quis tomar ela tomou a iniciativa de ser... né? eu resPEItO eu acomPANho e tudo bem (...) (AC-111-RO,417)

(17) Inf.: quatro anos... então agora ele já tá numa fase bem::... é assim bem gostosa... a criança já fica mais autosuficien::te... né... e é uma fase assim mais comunicaTI::va né... então... embora ele ele... eu... *eu acho que ele é bem comunicativo... apesar de ser tímido...* ele é mui::to tímido... né... mas éh::... de maneira geral ele ele::... se comunica bem tem um vocabulário bom... gosta bastante de... de ler ... (AC-82-NE,85)

(18) (...) eu acho que a melhor época nossa de plantar aqui é a época que começa a primavera e verão que é a época **apesar do clima quente**... mas chove com mais... mais frequência nessa região (AC-114-RP, 468)

<sup>14</sup> Das 28 ocorrências introduzidas por *apesar (de) que* analisadas, 26 são introduzidas por *apesar que* e somente duas por *apesar de que*, como exemplificado em: *eu acho que isso o Edinho já não fez apesar de que também ele não ter trazido emprego pra cá ele deixou a cidade nesse sentido economicamente falando estagnada né...ele num piorou só que também não melhorou mui::to né...só que ele deu uma melhorada em outros pontos da cida::de na área de saneamento bá::sico e acredito que isso tenha melhorado bastante Rio Preto. (AC-49-RO,226). Nota-se, nessa ocorrência, que a perífrase verbal *ter trazido* é típica dos casos oracionais prefaciados por *apesar de*, pois o verbo auxiliar apresenta-se no infinitivo (*ter*).*

<sup>15</sup> É interessante observar que a conjunção apontada pela Gramática Tradicional como a prototípica para designar concessão é *embora*, mas essa conjunção não é a mais utilizada em nossos dados pelos falantes do português, que parecem preferir, na língua falada, *apesar de* (37%) e *apesar de que* (18%). Isso, no entanto, não altera o estatuto de prototipicidade da conjunção *embora*, mas nos leva a crer que há uma preferência dos falantes pelos conectores *apesar de* e *apesar de que* em contextos mais informais de interação, reservando a conjunção *embora* para contextos mais formais.

Podemos observar em (16) que *apesar que* introduz a oração *a minha mulher é candidata a vereadora*, com a cópula no presente do indicativo (*é*), tempo e modo que caracteriza essa conjunção. Já em (17), a conjunção *apesar de* encabeça a oração (ele) *ser tímido*, com a cópula no infinitivo (*ser*), única forma verbal possível no português com essa conjunção. Observe que em (16) a oração principal e a subordinada não compartilham o mesmo participante, já que o falante estava discorrendo sobre seu próprio gosto pela política quando faz uma ressalva, ou seja, lança uma oração concessiva para tratar de questões da esposa, que saiu candidata a vereadora, então temos como participantes: *eu* na primeira estrutura e *minha mulher* na segunda, na concessiva. Já em (17), há correferência de participantes na oração principal e na subordinada concessiva, trata-se do pronome *ele* (o filho da informante), o que torna o infinitivo possível na concessiva.

Diferentemente, na ocorrência (18), a conjunção *apesar de* introduz o Sintagma *o clima quente*, uma estrutura sem núcleo verbal. Vejamos outros sintagmas encontrados em nossos dados:

(19) *apesar de tudo*, ela disse que sem::pre amou ele que sempre vai amar (AC-38-NR, 117)

(20) eu procuro encarar assim *apesar das dificuldades* porque o casamento traz alegri::as e traz tribulação também (AC-64-RO,139)

(21) ah o outro governo dele fo::i... foi mais ou menos né? porque::... ap/ *apesar dos apesa::res* ele is se candidatar no fina::l e aí ele fe::z... muitas obras... (AC-65-RO,328)

Pode-se observar, em todas as estruturas anteriores introduzidas por *apesar de*: *apesar do clima quente*, *apesar de tudo*, *apesar das dificuldades* e *apesar dos pesares*, que a estrutura concessiva não oracional será sempre a mesma: *apesar + de + Sintagma Nominal*.

Nota-se que *apesar* requer a preposição *de* e também pede obrigatoriamente um complemento, que pode ser um pronome, no caso de *tudo*, ou um nome, no caso de *clima*, *dificuldade* e *pesares*. Assim, preencher o *slot* requisitado pela semântica de *apesar* não é uma opção do falante, mas sim uma exigência da semântica de *apesar* no português, o que configura, no arcabouço da GDF, uma Propriedade Configuracional.

A Propriedade Configuracional ( $f_1$ ), diferentemente da Propriedade Lexical (cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.139), constitui o leque de esquemas de predicação relevante para uma determinada língua. Podemos exemplificar, no português, outros casos que configuram Propriedade Configuracional, como *necessidade* e *precisão*, já que ambos pedem a preposição *de* e apenas um argumento, que poderia ser *alimentos e dinheiro*, por exemplo.

Em função da organização *top down* da GDF, *apesar* é codificado, no Nível Morfossintático, como Conjunção Lexical, pois apresenta significado lexical, assinalando a

concessão. Assim, no processo de codificação morfossintática, é inserida a preposição *de*, que codifica a função Referência no domínio morfossintático.

A função semântica Referência, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 203), caracteriza-se por apresentar somente uma relação semântica, como no caso de *o pai do garoto*, em que *o garoto* é o argumento de *pai*, uma construção que poderia ser parafraseada por “alguém é o pai tomando-se como referência a relação com o garoto”<sup>16</sup>.

A representação geral da Propriedade Configuracional, de acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008, p.182) é a que segue, em que se lê “v” como a variável possível:

$$(\pi f_1: [(v_1) (v)_\Phi^n] (f_1): [\sigma (f_1)_\Phi])$$

As línguas diferem umas das outras em função do número e da natureza dos esquemas de predicação que são permitidos no que diz respeito à sua valência quantitativa (representada por “n” no esquema acima). As diferenças na valência quantitativa se relacionam a categorias semânticas (v) que podem ser combinadas e a funções semânticas (Φ) que elas podem apresentar. A Propriedade Configuracional pode apresentar ainda Modificadores (σ) e Operadores (π).

Os esquemas de predicação, portanto, podem variar de acordo com cada língua, já que as possibilidades combinatórias das categorias semânticas não são dadas universalmente. Para o português, a Propriedade Configuracional de um lugar *apesar* pede um argumento (representado por “v”), que terá a Função Semântica Referência (Ref):

$$f_1: [(f_2) (v_1)_{\text{Ref}}] (f_1)$$

Ao olharmos para os argumentos introduzidos pela semântica de *apesar*, detectamos que tratam-se de entidades que podem ser avaliadas em termos de seu estatuto de realidade, como é o caso de *apesar das dificuldades*, *apesar dos pesares*, *apesar da nossa simplicidade*, *apesar do tratamento*, *apesar da sua falta de atenção*, *apesar da idade*, *apesar da idade dela* e *apesar do clima quente*, uma vez que *dificuldades*, *pesares*, *simplicidade*, *tratamento*, *falta* e *clima* correspondem a entidades de 2ª ordem, um Estado-de-Coisas (e) no arcabouço da GDF, o que nos permite dizer que uma das variáveis (v) admitidas pela semântica de *apesar* é o Estado-de-Coisas.

Outra variável possível, mas menos frequente, é uma entidade de 1ª ordem, Indivíduo (x), que designa entidade concreta e tangível, como é o caso de *sol* na seguinte ocorrência (22):

(22) ela sofre mais então em vez de dar uma alface bem grandona ela da uma alface menor porque ela sofre mais...assim nas hortinhas comuns eu não sei as pessoas que tem UMA TECNICA [uma técnica] coisas assim...mas agora que chega a

<sup>16</sup> “someone is father with reference to/considered in relation to the boy” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 203)

época do frio...como ah:: **apesar do sol a água esfria** e a terra é fria então a planta a raiz fica mais à vontade na terra...[sei] então essa época é a época que quando é frio se consome menos verdura e a verdura dá melhor... (AC-114-RP,477)

Na ocorrência (22), *sol* é uma entidade de primeira ordem porque pode ser avaliada em termos de sua existência. Entidades de primeira ordem são expressas somente por locuções (*noun phrases*) e nunca por orações (*clauses*), conforme defende Crevels (2000a, p. 28).

A partir do esquema geral da Propriedade Configuracional de apenas um *slot*, podemos sintetizar as possíveis variáveis para o português em:

$$f_1: [(f_2) (e_1)_{Ref}] (f_1)$$

$$f_1: [(f_2) (x_1)_{Ref}] (f_1)$$

Assim, a Função Semântica Referência pode ser atribuída a Estado-de-Coisas (e) ou a Indivíduo (x), com tendência a ocorrer com a primeira entidade (e).

Como já observado, a Propriedade Configuracional pode ser formada pelo pronome *tudo* no *slot* argumental, conforme (23) e (24):

(23) foi um acidente muito horrível foi uma coisa muito feia e ela fala que apesar de tudo das brigas da/dessa vez que ele bateu nela do quadro que foi a vez que mais marcou ela mesmo que é uma coisa que ela nunca vai esquecer...**apesar de tudo ela disse que sem::pre amou ele** que sempre vai amar]... (AC-38-NR,117)

(24) (...) porque o casamento traz alegri::as e traz tribulação também mas **apesar de tudo eu acho que:: no meu caso foi a melhor coisa que aconteceu** (AC-64-RO,139)

Nesse caso, como pronome anafórico, *tudo* retoma o contexto anterior, um Estado-de-Coisas (e), como exemplifica (23), em que *tudo* se refere às brigas e desafetos entre o casal, ou (24), em que o pronome retoma a tribulação, as dificuldades do casamento. Essa retomada anafórica realizada por *tudo* mostra que esse termo contribui com a coesão do texto, o que Thompson et al (2007) denominam *back-reference*.

No arcabouço da GDF, a referência anafórica, no Nível Representacional, é representada por núcleos (ausentes ou vazios) de antecedentes de todos os tipos de camadas desse Nível. No domínio representacional, as estruturas linguísticas são descritas em termos de denotação que fazem de uma entidade; assim, a diferença entre as unidades desse Nível é feita em termos de categoria denotada. Dependendo do tipo de categoria semântica, será a forma acionada para representá-lo no Nível Morfossintático. *Tudo*, nas duas ocorrências

anteriores, constitui um núcleo vazio, isto é, a referência anafórica é ativada por meio de co-indexação da variável proposicional (HENGEVELD e MACKENZIE, 2008, p. 146), que no Nível Morfossintático será preenchida pelo pronome indefinido.

Em outras palavras, *tudo* representa, no Nível Morfossintático, todo o Conteúdo Proposicional expresso no Nível Representacional (as brigas e a pancadaria do casal). Neste caso, a referência anafórica pede a existência de um núcleo vazio de antecedente da camada do Conteúdo Proposicional. Segundo Pezatti (2012, p.117), “o português dispõe de formas especiais para referência anafórica de um antecedente que não designa um objeto concreto. Antecedentes do tipo Conteúdo Proposicional acionam o uso de pronomes neutros especiais, insensíveis à distinção masculino/feminino”.

#### 4. Funções discursivas das estruturas não oracionais<sup>17</sup>

Barth (2000) investiga as concessivas do inglês falado introduzidas por *but* e por *although* e constata que as concessivas introduzidas por *but* (relação paratática, denominada *concessiva coordenada*<sup>18</sup>) apresentam a função de *preservação da face*. O termo “face”, de acordo com Goffman (1967), pode ser definido como valores sociais positivos que uma pessoa efetivamente alega de si próprio durante a comunicação.

As concessivas introduzidas por *although*, por sua vez, apresentam as seguintes funções, conforme Barth (*op.cit.*):

- (i) restringir ou limitar a argumentação prévia;
- (ii) introduzir informações adicionais; uma estratégia que pode ser encarada como uma maneira de restringir o conteúdo da primeira oração;
- (iii) prevenir possíveis objeções por parte do ouvinte;
- (iv) sumarizar mudanças prévias de argumentos

Funções semelhantes desempenhadas pela conjunção *obwohl* (*embora*) no alemão falado foram encontradas por Günthner (2000). A autora constatou que essa conjunção desempenha a função de *concessão* quando apresenta maior integração sintática, pois, quando aparece menos integrada sintaticamente pode *limitar* ou *corrigir* (parcial ou totalmente) a afirmação a que está se referindo.

A diferença entre as funções de concessão e de correção apresentadas por *obwohl* também é dada, segundo a pesquisadora, pela posição do sintagma ao qual esse nexos pertence: quando apresenta a função de concessão, pode aparecer na posição inicial ou final; já quando desempenha a função de correção, aparece somente em posição final.

Zamproneo (1998) afirma que a posição do sintagma concessivo também pode variar, mas diferentemente de Günthner, defende que há três posições possíveis: inicial, intercalada

---

<sup>17</sup> Do ponto de vista da Gramática Discursivo-Funcional, o domínio discursivo diz respeito aos aspectos pragmáticos da interação que envolvem falante e ouvinte.

<sup>18</sup> Neste estudo não abordaremos construções desse tipo, exemplificadas por: “É verdade que ele é muito jovem, *mas ele provou ser muito confiável até agora*” (tradução de KÖNIG, 1994, p. 681).

ou final, tendo como referência o sintagma ao qual se conecta<sup>19</sup>. Em qualquer posição, no entanto, os sintagmas apresentam a mesma função discursiva de introduzir uma *ressalva* que incide sobre um determinado constituinte da oração nuclear.

Como vimos na análise dos dados, a concessão não oracional pode ocorrer no início ou no final da oração que toma como escopo. Não foi possível observar uma preferência por uma ou por outra posição, pois as ocorrências registram 50% para o primeiro caso e 50% para o segundo caso.

Nesses dois casos, as construções parecem adquirir algumas funções discursivas apontadas por Barth (2000) e Günthner (2000), dentre elas, a antecipação de um possível contra-argumento do ouvinte, quando ocorre no início (cf. 25) ou introdução de informações adicionais para restringir o conteúdo da oração a que se subordina, quando ocorre no final (cf. 26).

(25) (...) tem o quarto da minha outra filha.... que:: **apesar da idade eu acho que tava na hora de ela... dar uma arrumadinha** né? que lá é meio arriscado você entrar lá também... (AC-103-DE,208)

(26) (...) e nesse meio de tempo o motorista que ocasionou o acidente que:: em parte digamos, né? que... **não teria tido tanta culpa** apesar da sua falta de atenção... mas analisando a situação eu vi que ele... não teve como evitar o acidente... e eu como ví/ vítima né? (AC-103-NE, 88)

Na ocorrência (25), o sintagma *apesar da idade* antecipa uma possível objeção do ouvinte com relação à idade da filha, algo do tipo “mas a sua filha ainda é pequena, não tem condições de arrumar o próprio quarto”. Já em (26), *apesar da sua falta de atenção* é uma informação nova dada pelo falante, na verdade, uma reconsideração ou até mesmo uma correção do conteúdo apresentado na primeira oração: (*o motorista*) *não teria tido tanta culpa*, uma tentativa do falante de colocar a culpa do motorista como um fator possível para o acidente.

Além da posição inicial e final, essa pesquisa revela casos de concessão não oracional introduzidos por *apesar* que apresentam funcionamento sintático e semântico independente, ou seja, não se subordinam morfossintaticamente nem semanticamente a outra oração (cf. GARCIA; PEZATTI, 2013), o que faz com que seja impossível dizer se ocorrem na posição inicial ou final. Esses casos constituem uma inserção e apresentam uma informação totalmente nova ao interlocutor:

(27) eu tenho vinte e sete anos quase de casado... graças a Deus eu e meu marido... construímos uma família... depois da Cristiane também eu tive a Aline... que hoje tem vinte e dois anos de idade... e a gente conseguiu construir uma:: família assim de bastante alicerce... eu acho que isso... é uma coisa muito:: *apesar da nossa*

---

<sup>19</sup> Diferentemente de Zamproneo (1998), consideramos neste estudo apenas duas posições possíveis para a ocorrência da concessão não oracional, anteposta ou posposta ao termo a que se referem, tomando o verbo do evento principal como referência.

*simplicidade...* mas uma coisa... muito marcante e muito alegre prá mim (AC-92-NE,67)

(28) eu acho que a melhor época de plantar aqui é a época que começa a primavera e verão que é a época *apesar do clima quente...* mas chove com mais... [mais frequência nessa região] (AC-114-RP,468)

Na ocorrência (27), *apesar da nossa simplicidade* é uma informação nova inserida pelo falante, algo que acrescenta com a finalidade de enfatizar ao ouvinte que sua família é bastante simples, mas batalhadora e estruturada. O mesmo ocorre em (28), em que *apesar do clima quente* é uma estrutura que não se subordina morfossintática nem semanticamente a outra oração e constitui uma informação nova no discurso, algo que o falante julga relevante do ponto de vista da interação.

### Considerações finais

Esta pesquisa se propôs a investigar os aspectos sintáticos, semânticos e discursivos da concessão não oracional introduzida por *apesar* no português falado no noroeste de São Paulo à luz da Gramática Discursivo-Funcional. O objetivo desse estudo consistiu em verificar em que Nível e em que camada essa estrutura se constitui.

Observamos que as construções concessivas, nesse caso, são formadas sempre por *Apesar + de + Sintagmas Nominais*. De acordo com a GDF, *apesar* constitui uma Propriedade Configuracional de um lugar, pois sempre requer a presença de um argumento, como *dificuldade, idade, sol*, etc. Essa relação de obrigatoriedade configura a função semântica Referência, pois há uma única referência entre o argumento e seu *slot*.

Constatamos que os argumentos introduzidos pela semântica de *apesar* podem variar, podendo ser Estados-de-Coisas, uma entidade de 2ª ordem, como *dificuldade, idade*, etc. ou Indivíduos, entidades de 1ª ordem, como *sol*, havendo predomínio de Estado-de-Coisas.

No processo de codificação morfossintática, já no Nível Morfossintático, verifica-se claramente o funcionamento *top down* da GDF, pois *apesar* é codificado como Conjunção Lexical e a função semântica Referência, por sua vez, é codificada pela preposição *de*.

Discursivamente, essas construções podem ser utilizadas pelo falante como antecipação de possíveis contra-argumentos do seu interlocutor ou podem servir para acrescentar informações ao ouvinte, as quais podem ser a respeito do conteúdo anterior ou uma informação totalmente nova.

Esta pesquisa revelou, portanto, que a concessão não oracional introduzida por *apesar*, no português falado, se constitui no Nível Representacional, sendo *apesar* uma Propriedade Configuracional de um lugar cujo argumento (Estado-de-Coisas ou Indivíduo) apresenta a função semântica Referência.

## Concessive phrases introduced by *apesar* in spoken Portuguese: a functional discourse grammar analysis

ABSTRACT: This paper examines the concessive phrases introduced by *apesar* in spoken Portuguese language from northwestern São Paulo State, in the light of Hengeveld and Mackenzie's Functional Discourse Grammar (2008), in order to understand morphosyntactic, semantic and pragmatic aspects in this kind of construction, like *apesar do sol*. The results show that *apesar* constitute a one-place Configurational Property whose argument can be a State of Affair or an Individual. The *corpus*, Iboruna, was selected from the records of the spoken Portuguese in the northwestern parts of São Paulo state.

Keywords: concessive phrases; *apesar*; spoken Portuguese; Functional Discourse Grammar

### Referências

BARTH, D. "That's true, although not really, but still": expressing concession in spoken English. In: COUPER-KUHLEN, Elizabeth.; KORTMANN, Bernd. (Ed.). *Cause, condition, concession, contrast cognitive and discourse perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000. p. 413-437.

BECHARA, E. *Moderna gramática da língua portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CREVELS, M. *Concession: a typological study*. 2000. 191 f. Tese (Doutorado)-University of Amsterdam, Amsterdam, 2000a.

\_\_\_\_\_. Concessives on different semantic levels: a typological perspective. In: COUPER-KUHLEN, E.; KORTMANN, B. (Ed.). *Cause, condition, concession, contrast cognitive and discourse perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000b. p. 313-339. (Topics in English Linguistics, 33).

CUNHA, C. *Gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1972.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DIK, S.. *The theory of functional grammar*. Pt I: The structure of the clause. New York: Mouton de Gruyter, 1997a.

\_\_\_\_\_. *The theory of functional grammar*. Pt II: Complex and derived constructions. New York: Mouton de Gruyter, 1997b.

GARCIA, T. S.; PEZATTI, E. G. Orações concessivas independentes à luz da gramática discursivo-funcional. *Alfa*, São José do Rio Preto, v.57, n.1, p. 475-494, 2013.

GOFFMAN, E. *Interaction ritual: essays on face-to-face behavior*. New York: Anchor Books, 1967.

GÜNTHER, S. From concessive connector to discourse marker: the use of *obwohl* in everyday german interaction. In: COUPER-KUHLEN, E.; KORTMANN, B. (Ed.). *Cause, condition, concession, contrast cognitive and discourse perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000. p. 439-461.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, L. *Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: University Press, 2008.

\_\_\_\_\_. Functional Discourse Grammar. In: HEINE, Bernd,; NARROG, Heiko. (Ed.). *The Oxford handbook of linguistic analysis*. Oxford: Oxford University Press, 2009. p. 367 a 400.

\_\_\_\_\_. Gramática Discursivo-Funcional. Trad.: DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. In: SOUZA, E. R. *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 43-85.

HENGEVELD, K.; WANDERS, G. Adverbial Conjunctions in Functional Discourse Grammar. In: HANNAY, M. STEEN, G. (Eds.). *The English clause: usage and structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2007. p. 209-226.

KÖNIG, E. Concessive clauses. In: ASHER, R. E. (Ed.). *The encyclopedia of language and linguistics*. 2.ed. Oxford: Pergamon, 1994. p. 679-681.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 2.ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

PEZATTI, E. G. A Gramática Discursivo-Funcional e o contexto. In: SOUZA, E. R. *Funcionalismo Linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 107-131.

SWEETSER, E. Conjunction, coordination, subordination. In.: SWEETSER, E. *From Etymology to Pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge, Cambridge Universe Press, 1990. p.76-112.

THOMPSON, S. A., *et al.* Adverbial Clauses. In: SHOPEN, T. *Language typology and syntactic description complex construction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 169-233.

ZAMPRONEO, S. *A hipotaxe adverbial concessiva no português escrito contemporâneo do Brasil*. 1998. 248f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 1998.

Data de envio: 26/05/2014

Data de aceite: 24/03/2015

Data de publicação: 23/04/2015